

**JUDITH TEIXEIRA – SOROR SAUDADE MENOR:
UM DISCURSO TRANSGRESSIVO
DOS ANOS VINTE EM PORTUGAL**

Abstract

My paper will deal with the work of Judith Teixeira, Known as the «only modernist poet in Portugal».

My approach may be seen as an interdisciplinary one and is set at the margin of Linguistics, Literature and Culture, due to the fact that the works of Judith Teixeira were apprehended by censorship owing to its consequent femininity (Literature of a woman on women and directed to women, including feminine eroticism which did not conform to the epoch's moral standards). This paper may be comprehended within the framework of the history of Portugal and for this reason will include a cultural and historical setting for this «construction of the feminine universe».

1. Introdução

Gostaria de felicitar os organizadores e as organizadoras pela realização deste Congresso e pela coragem de enfrentar a realidade europeia e universal. Tomo a liberdade de vê-lo como a continuação do trabalho do Colóquio realizado em 1993, em que debatemos, nesta Universidade (onde a esmagadora maioria dos participantes se assume visivelmente como feminina) a questão da(s) Mulher(es). Falámos, nessa altura, não sobre a perspectiva da relação dos géneros, ainda que essa questão não tenha estado ausente nas comunicações proferidas.

Como já foi dito, na sessão de abertura deste Congresso, a questão da relação dos géneros intervém no campo político ou vice-versa. A pergunta: «*Em que assenta o poder?*» é de grande actualidade no âmbito das ciências humanas e sociais. Além disso, uma reflexão, e nova definição, das relações entre os sexos e os géneros pode ser considerada típica nas viragens dos séculos, pelo menos desde 1800.

Foi uma mulher portuguesa, Carolina Beatriz Ângelo, que exerceu, pela primeira vez na Europa, o direito de voto das mulheres, nas eleições para a

Assembleia Constituinte, a 28 de Maio de 1911, tendo para isso recorrido aos tribunais. Na sentença do Juiz responsável, lemos :

«Considerando que o referido decreto [...] diz terminantemente, digo diz terminante e simplesmente que são eleitores e elegíveis os portugueses maiores de vinte e um anos, residentes em territórios nacionais e que souberem ler e escrever e que forem chefes da família; e assim inclusive não só os homens mas também as mulheres, no significado natural e rigoroso da nossa língua, pois quando se diz Portugal tem seis milhões de habitantes entende-se que são homens e mulheres [...] Considerando que também está em erro evidente, perante os factos e a lei, querendo que não haja mulheres que sejam chefes de família, como a reclamante que, vivendo com a sua filha menor e criados, é realmente chefe de família, e, como tal, não podia ser excluída do recenseamento eleitoral [...]»¹.

Como vemos, há a inclusão do género feminino no masculino («cidadãos», «chefes de família»). Portanto, uma argumentação linguística representa a base legal e constituiu a estratégia discursiva da própria Beatriz Ângelo, cujo «pulso» demonstrado neste assunto merece ser lembrado aqui.

Abro um parêntesis para referir a polémica entre «igualitarismo» e «diferencialismo», uma questão que foi levantada neste Congresso e, nova e recentemente, por Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1999). Eu própria mudei, no decorrer dos últimos quinze anos, várias vezes de opinião. Quero, apenas, citar uma colega investigadora neste campo temático: «Quando chegamos à situação de plena igualdade de direitos, vamos ver quais são as diferenças».² E, ainda, a resposta de outra colega a uma pergunta sobre as razões pelo óbvio progresso das conquistas das mulheres em Espanha: «Well,...we've been very strategically...»³. Podemos, talvez, concluir do dito que quem quer conquistar direitos, tem que, por um lado, conhecer e analisar estratégias de exclusão do discurso e da informação, para por outro utilizar, quando for necessário, estratégias discursivas do poder, mas, penso eu, sem perder a própria identidade, sem abdicar do direito à diferença.

Falarei, neste artigo, de uma pessoa e de uma obra «algo diferentes»: Judith Teixeira e a sua obra, sem esquecer, obviamente, o *contexto* em que se inserem.

2. À procura do perfil do pudor da I República Portuguesa

Porquê Judith Teixeira, já que é praticamente desconhecida no cânone da literatura portuguesa? Em busca de textos: discursos feministas, femininos e transgressivos dos Anos Vinte em Portugal⁴, o meu objectivo não era, e continua a não ser, entrar no espaço sagrado da literatura portuguesa e na discussão sobre os modernismos portugueses, mas encontrar testemunhas e fontes para a presença feminina na esfera pública portuguesa da época em estudo. Vindo do campo da

Cultura Alemã, entra
inscrindo o meu t
(Kulturwissenschaften)
em Portugal, nas vés
feministas que tratass
A minha teimosia vale
(Literatura com «L»
«contagiada» pela «m
descobri – como, feliz
de facto, um número
investigadores/as e me

Os textos de Judi
e da sua obra, gostari
seguintes questões: I
respectivamente, o
respectivamente, o «T

3. Apresentação anónima

a)
Por uma noite de o
Lá nessa nave som
Hei-de contigo de
Mulher branca e m

Hei de possuir na r
O teu corpo de ma
Mulher que nunca
Que nunca pensast

[...]

A tua bocca formo
Será sempre dos m
E o teu corpo a mi
A pátria dos meus

b)
O teu corpo branco
prende todo o me
Sonho que pela no
aqueces o mármore
de alvo peito entu

...a isso recorrido aos

...e, digo diz terminante
maiores de vinte e um
escrever e que forem
também as mulheres, no
diz Portugal tem seis
[...] Considerando que
erendo que não haja
e, vivendo com a sua
e, tal, não podia ser

culino («cidadãos»,
a representa a base
ngelo, cujo «pulso»

«igualitarismo» e
ingresso e, nova e
própria mudei, no
uero, apenas, citar
egamos à situação
ças». ² E, ainda, a
ovio progresso das
/ strategically...» ³.
direitos, tem que,
do discurso e da
tégias discursivas
abdicar do direito

...diferentes»: Judith
que se inserem.

...da no cânone da
as, femininos e
era, e continua a
scussão sobre os
para a presença
do do campo da

Cultura Alemã, entrando no campo desconhecido da Cultura Portuguesa e inserindo o meu trabalho dos últimos anos nas «Ciências Culturais» (*Kulturwissenschaften*) não quis acreditar, que não houvesse ou não tivesse havido em Portugal, nas vésperas dos totalitarismos europeus, escritores, escritoras e feministas que tratassem da situação social, cultural e política das mulheres. A minha teimosia valeu a pena. Não partindo de um conceito de *literatura* estreito (Literatura com «L» grande), mas de um conceito de *texto* amplificado, e «contagiada» pela «moda» (frutífera) da análise do discurso (Sara Mills, 1997), descobri – como, felizmente, muitos e muitas colegas juntamente comigo – que há, de facto, um número considerável de documentos, que estão à espera de investigadores/as e merecem ser lidos e relidos, sob aspectos diferentes.

Os textos de Judith Teixeira servem de exemplo. Antes de falar da escritora e da sua obra, gostaria de apresentar quatro poemas de autoria diferente e pôr as seguintes questões: 1) De que sexo ou género terá sido o autor / a autora, respectivamente, o Eu lírico? E, 2) A que sexo / género de leitores, respectivamente, o «Tu lírico», é dirigido ou dedicado o poema?⁵

A. Apresentação anónima de quatro poemas⁶

a)

Por uma noite de outomno,
Lá nessa nave sombria,
Hei-de contigo deitar-me
Mulher branca e muda e fria!

Hei de possuir na morte
O teu corpo de marfim,
Mulher que nunca me olhaste,
Que nunca pensaste em mim...

[...]

A tua bocca formosa
Será sempre dos meus beijos;
E o teu corpo a minha patria,
A patria dos meus desejos.

b)

O teu corpo branco e esguio
prende todo o meu sentido...
Sonho que pela noite, altas horas,
aqueces o mármore frio
de alvo peito entumecido...

E quantas vezes pela escuridão
a arder na febre dum delírio,
os olhos roxos como um lírio,
venho espreitar os gestos que eu sonhei...

— Sinto os rumores de uma convulsão,
a confessar tudo que eu cisme!

Ó Vénus sensual!
Pecado mortal
do meu pensamento!
Tens nos seios de bicos acerados,
num tormento,
a singular razão dos meus cuidados!

c)
Dizem que eu tenho amores contigo!
Deixa-os dizer!...
Eles sabem lá o que há de sublime,
Nos meus sonhos de prazer...
[...]

Dizem que eu me embriago toda em cores
para te esquecer...
E que de noite pelos corredores
quando vou passando para te ir buscar,
levo risos de louca, no olhar!

Não entendem dos meus amores contigo —
Não entendem deste luar de beijos...
— há quem lhe chame a tara perversa,
dum ser destrambelhado e sensual!
Chamam-te o génio do mal —
O meu castigo...
E eu em sombras alheio-me dispersa...

E ninguém sabe que é de ti que eu vivo...
Que és tu que doiras ainda,
o meu castelo em ruína...
Que fazes da hora má, a hora linda
dos meus sonhos voluptuosos —
Não faltes aos meus apelos dolorosos...
— Adormenta esta dor que me domina!

d)
Irmã, Soror Saudade!
É na minh'alma o n...
Como um vitral ao s...
A luz do próprio so...

Numa tarde de Out...
Toda a mágoa do O...
Jamais me hão-de c...
Com ele bem mais t...

É baixinho, na alma...
Como bênção de so...
Nas horas más de f...

Como se fossem pé...
Digo as palavras de...
Que me deste : «Irmã»

4. Breve análise sob

a) O autor / eu lírico
uma mulher, sem ident...
que se trata de um poe...
outras questões, como p...
que nunca me olhaste»)

b) Mais uma vez
(«Ó Vénus sensual!»)
de novo, um autor / eu

c) Em termos ling...
de louca» = feminino
lírico [!]. A pessoa,
versos: «Há quem lhe...
/ Chamam-te o génio...
«génio» e, talvez, p...
podemos, como leito...
não identifica o sexo

d) Como se trat...
levantamos dúvidas s...
género. Poderíamos,
concluir que se trata...
Repare-se, que a aut...
directo, no primeiro v

d)
Irmã, Soror Saudade me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de Outono o murmuraste,
Toda a mágoa do Outono ele me trouxe,
Jamais me hão-de chamar outro mais doce.
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma da minh'alma,
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo
Digo as palavras desse nome lindo
Que me deste : «Irmã, Soror Saudade...»

4. Breve análise sob o aspecto do «género»

a) O autor / eu lírico não revela o seu sexo / género, mas dirige-se, claramente, a uma mulher, sem identificá-la. Sem entrar em pormenores de interpretação, julgamos que se trata de um poema de desgosto de amor (deixando à parte a alusão necrófila e outras questões, como por exemplo a questão erótica): um homem queixa-se («Mulher que nunca me olhaste») e adia a possível união pela morte (Eros / Thanatos).

b) Mais uma vez, o poema é dirigido a uma mulher, desta vez a uma Deusa («Ó Vénus sensual!»). O autor / eu lírico não pode ser identificado, pressupomos, de novo, um autor / eu lírico masculino.

c) Em termos linguísticos, é identificável o sexo / género do Eu lírico («risos de louca» = feminino), mas o adjectivo não se refere, necessariamente, ao Eu lírico [!]. A pessoa, a quem se dirige o poema, continua a ser «neutra». Os versos: «Há quem lhe chame a tara perversa, / dum ser destrambelhado e sensual! / Chamam-te o génio do mal» propõe, por influência do masculino gramatical de «génio» e, talvez, por preconceitos sócio-culturais, um homem, mas não podemos, como leitores, ter a certeza. A palavra «ser», como nome masculino, não identifica o sexo da pessoa «destrambelhada e sensual».

d) Como se trata de um poema conhecido de uma autora conhecida, não levantamos dúvidas sobre o sexo da autora, nem sequer colocamos a questão do género. Poderíamos, no entanto, entender a primeira palavra como vocativo e concluir que se trata de um poema de uma mulher para outra mulher: Irmã (!). Repare-se, que a autora do poema, Florbela Espanca, não identifica o discurso directo, no primeiro verso, mas sim, no último: «Irmã, Soror Saudade...».

Perdoem-me os especialistas de Literatura Portuguesa, se meto foice em seara alheia, mas o objectivo deste pequeno trabalho não é a interpretação exaustiva dos textos apresentados. Procuro, apenas, concentrar-me nos aspectos relevantes para a História da Cultura e nas implicações da problemática do género.

5. Identificação e contextualização dos poemas apresentados

O poema designado por «a)» é de António Botto, das suas *Canções*, de 1922/23⁷. Os dois seguintes, de Judith Teixeira, do seu livro *Decadência*, de 1923, intitulam-se «A Estátua» (datado de «Fevereiro – Noite Luarenta, 1922») e «A Minha Amante» (datado de «Junho-Poente, 1922»). É possível ler no início deste poema: «...a dor só lhe perco o som e a cor em orgias de morfina!». Portanto, o poema pode ser lido como dirigido à droga, designada como «amante». O último é da autoria de Florbela Espanca, do seu *Livro de Soror Saudade*, de 1923 que ela dedica ao segundo marido, António Guimarães. O poema intitula-se «Soror Saudade» e é dedicado a Américo Durão. Está ainda por fazer uma análise aprofundada do sensualismo na obra de Florbela Espanca, sob o aspecto *gender*.

O que une os três autores é o facto de publicarem estes quatro poemas no ano de 1923. O estado da I República Portuguesa pode ser chamado «agónico». Em Outubro do mesmo ano, António José de Almeida termina o mandato presidencial e sucede-lhe Manuel Teixeira Gomes, à frente de mais um governo desta República marcada por greves constantes, crises económicas, fome e violência.

O que une os textos é, também, o seu óbvio sensualismo, o seu «gesto sem pudor» e, afinal, a sua larga margem de interpretação, em termos de sexo e de género.

Dois dos autores, António Botto e Judith Teixeira (para não falar, também, de Raul Leal, cujo livro *Sodoma Divinizada* é igualmente apreendido) vêm as suas publicações de 1923 apreendidas pelo Governo Civil de Lisboa⁸. António Botto, homossexual assumido, encontra na pessoa de Fernando Pessoa (respectivamente: Álvaro de Campos) e em muitos outros, embora apenas, um político (Agatão Lança), defensores da sua causa. Cito a voz poderosa de Fernando Pessoa, no seu *Aviso por Causa da Moral*, manifesto distribuído nas ruas de Lisboa como reacção a um pedido público, feito por estudantes da capital, tendo em vista a apreensão e proibição de venda das *Canções* de António Botto:

«Os moços da vida das escolas intrometem-se com os escritores que não passam pela mesma razão por que se intrometem com as senhoras que passam. Se não sabem a razão antes de lha dizer, também a não saberiam depois. Se a pudessem saber, não se intrometeriam nem com as senhoras nem com os escritores. Bolas para a gente ter que aturar isto! Ó meninos: estudem, divirtam-se e calem-se. Estudem ciências, se estudam ciências; estudem artes, se estudam artes; estudem letras, se estudam letras. Divirtam-

-se com mulheres, outra. Tudo está ce

O texto está a Campos»¹⁰. Num p assassinado, também, p masculina, é de todos de arma contra a opre A «Soror Saudade mas algumas vezes e falado na imprensa de de artigos anunciam apreensão do mesmo vozes que me parecer

«Literatura imoral, livros imorais. A p recebidas, os livro início de reacção superiores se tive Governador Civil Simultaneamente, que termina assim corpos. [...] Urge mocidade forte e r

No dia seguinte Governador Civil co

«Mas repare s. ex. varinas que, na ru insultuosos palav indecentes, mande as línguas dos ven

O próprio Marce uma «desavergonhad comenta «O Baile d Entrudo do Carnaval

«Homens mascara exibindo as sua carnações brancas

se meto foice em
é a interpretação
r-me nos aspectos
problemática do

los

suas *Canções*, de
Decadência, de 1923,
enta, 1922») e «A
er no início deste
final». Portanto, o
nante». O último é
e, de 1923 que ela
intitula-se «Soror
fazer uma análise
aspecto *gender*.
ro poemas no ano
do «agónico». Em
ndato presidencial
m governo desta
e e violência.
o seu «gesto sem
nos de sexo e de

falar, também, de
lido) vêm as suas
8. António Botto,
(respectivamente:
político (Agatão
do Pessoa, no seu
boa como reacção
ista a apreensão e

ne não passam pela
m. Se não sabem a
essem saber, não se
para a gente ter que
iências, se estudam
m letras. Divirtam-

«se com mulheres, se gostam de mulheres; divirtam-se de outra maneira, se preferem
outra. Tudo está certo, porque não passa do corpo de quem se diverte»⁹.

O texto está assinado da seguinte forma: «Europa, 1923, Álvaro de
Campos»¹⁰. Num prefácio de uma edição mais tardia das *Canções* [s.d.],
assinado, também, por Fernando Pessoa, lê-se: «A noção da beleza [sic!] *masculina*, é de todos os elementos do ideal estético, aquele que mais pode servir
de arma contra a opressão do nosso ambiente»¹¹.

A «Soror Saudade Menor», Judith Teixeira, não goza da mesma atenção,
mas algumas vezes está incluída em protestos. Faz parte do «escândalo», muito
falado na imprensa de então que tive a oportunidade de consultar: umas centenas
de artigos anunciam aos leitores a publicação do livro *Decadência* e, também, a
apreensão do mesmo, em defesa da moral pública. Cito aqui, apenas, algumas
vozes que me parecem reflectir o perfil do pudor da época:

«Literatura imoral. A Academia de Lisboa manifesta-se pela apreensão do todos os
livros imorais. A polícia apreendeu já, em conformidade com instruções superiores
recebidas, os livros intitulados *Sodoma divinizada*, *Canções* e *Decadência*. [...] Este
início de reacção moral fez com que mais de 300 alunos dos diversos cursos
superiores se tivessem dirigido ontem ao Governo Civil oferecendo ao major sr.
Governador Civil o seu aplauso pela apreensão dos livros imorais. [...].
Simultaneamente, a Liga dos Estudantes fez distribuir profusamente um manifesto
que termina assim: «Sodoma ressurgue nos livros e nos escritores, nos espíritos e nos
corpos. [...] Urge a reacção pronta e implacável. À frente dela levanta-se a nossa
mocidade forte e resoluta.»¹²

No dia seguinte, na mesma fonte, dão-se, novamente, os parabéns ao
Governador Civil com o seguinte aditamento:

«Mas repare s. ex.ª em que são bem mais imorais as excelentíssimas senhoras donas
varinas que, na rua e no mercado, despejam sobre pessoas honestas os mais reles e
insultuosos palavrões. Se o sr. Governador proíbe revistas, apreende livros
indecentes, mande também apreender e remeta para o guano as línguas das varinas,
as línguas dos vendedores, verdadeiras línguas...de porcos!»¹³

O próprio Marcelo Caetano chama Judith Teixeira, na revista *Ordem Nova*,
uma «desavergonhada»¹⁴, e os *Fantoches*, cujo director e editor é Rocha Martins,
comenta «O Baile do Terceiro Sexo», o famoso «baile da Graça», realizado no
Entrudo do Carnaval de 1923, em que os participantes foram presos:

«Homens mascarados de mulheres, uns de seda outros mal amantados, juntaram-se,
exibindo as suas tendências libidinosas [...]. Alguns, decotados, mostravam
carnações brancas, gestos efeminados numa paródia chula das fêmeas – detestadas

por eles- [...] e bôcas grosseiramente pintadas a vermelhão, faces rosetadas, como as dos bonecos ordinários [...] – imitando – como se este terceiro sexo, vivesse numa maçonaria internacional de máculas [...]. Todas as camadas sociais enviam os seus representantes, os invertidos sexuais [...]. Em Lisboa, nessa tentativa de contaquear lascívia singulares, apenas foram apanhados indivíduos das camadas baixas [...], mas correu na cidade que indivíduos de categorias mais altas também ali se encontravam tendo conseguido escapar [...]. Eles surgem [...] como se apadrinhassem as torpes exhibições dos seus ademanos, gestos e falas, o destaque, mesmo nos trajos masculinos, dos homens a valer, dos verdadeiros testiculados»¹⁵.

Um dos mais conhecidos jornalistas portugueses, que marcou uma época, testemunha, portanto, que «eles» fazem parte integrante da sociedade lisboeta de então. No nº 11 da mesma revista, é publicado um artigo sobre «A literatura na esquadra de polícia» que tece considerações sobre as questões: «Em que se parece o senhor Afonso Costa com Gomorra?» e «O que são livros indecentes»¹⁶, ou seja, Rocha Martins, como jornalista, «cuja prosa tem sido apreendida mais vezes em Portugal [...] apesar de nunca ter aconselhado sadismos nem sáficas contorsões», admite «cada vez compreender menos porque os da governação pública me sujeitam ao mesmo castigo que aos autores das apoteoses a Sodoma e propagandistas do lesbianismo» e diz que «a recente tomada de livros, de cuja extracção a polícia se encarregou, me fez meditar e muito». O jornalista pergunta, portanto, pelo «perfil do pudor» da I República Portuguesa, ou seja, em que medida as relações entre os sexos e géneros intervêm no campo político e vice-versa:

«Quando me apreendiam as *Novidades* era por chamar tirano ao senhor Afonso Costa [...]. Naturalmente o que a polícia quis marcar foi a igualdade entre as inversões sexuais repugnantes e todos os casos de que tratei e colocar o senhor Afonso Costa na situação duma porcária [...]. Confirmou-se oficialmente com estas verdades que ao serem apreendidos os meus jornais eu, tratando do chefe demagógico e dos outros, só remexia em porcarias»¹⁷.

As apreensões foram realizadas ao abrigo das leis de 1912 e de 1918¹⁸. No entanto, não se trata, em 1923, de uma situação de guerra, a não ser a da «guerra dos sexos».

6. Falando de Judith Teixeira...

Falando de Judith Teixeira, existem múltiplas razões para o facto de ser desprezada pelos seus contemporâneos e de ser chamada por mim «soror saudade menor». Não pretendemos discutir, aqui, o valor literário dos escritos desta autora. Mas gostaríamos de relembrar o acima referido: a suspeita de lesbianismo de Judith Teixeira nunca foi confirmada. A sensualidade dos textos e o facto de

ser uma mulher que
entender o «escândalo»

Inserindo-se a
envolvendo-se na vida
factos que devem ter
Judith Teixeira nasce
mãe solteira, Maria
dissolvido o casamento
e abandono do domo
novamente, desta vez
mais informações biográficas
em Lisboa, onde pu
dois textos em prosa
1959, no dia 17 de
testemunhas oculares

Escassas são as
sua ausência em anotações
de Sá-Carneiro, na obra
Simbolismo na Poesia
fundamental sobre
Simbolismo, Modernismo e
Presença Nº 1, de 1923,
menos, desprezada:

«Eis como tudo
a sua própria vida
artista um homem
imaginação, a li
condições do tempo
Judith Teixeira n
belo um adágio p

A autora tem u
Autores Portugueses
monografia sobre
Coração Arquivista

«É possível, ta
sensualissimame
nos cantar tanto
Amor's que eu m

rosetadas, como as
o sexo, vivesse numa
ciais enviam os seus
tativa de contactar
camadas baixas [...],
altas também ali se
em [...] como se
e falas, o destaque,
os testiculados»¹⁵.

marcou uma época,
cidade lisboeta de
«A literatura na
Em que se parece o
«centes»¹⁶, ou seja,
da mais vezes em
áficas contorsões»,
ública me sujeitam
propagandistas do
acção a polficia se
nto, pelo «perfil do
ções entre os sexos

ao senhor Afonso
igualdade entre as
e colocar o senhor
cialmente com estas
tratando do chefe

2 e de 1918¹⁸. No
o ser a da «guerra

ra o facto de ser
m «soror saudade
os escritos desta
ta de lesbianismo
xtos e o facto de

ser uma mulher que reclama, publicamente, o direito ao prazer basta-nos para entender o «escândalo» causado.

Inserindo-se a sua obra na produção literária da vanguarda portuguesa, envolvendo-se na vida da *bohème* lisboeta, contudo, a sua biografia invulgar, são factos que devem ter contribuído para o desprezo quer da obra quer da pessoa. Judith Teixeira nasce em 25 de Janeiro de 1880, em Viseu, sendo filha de uma mãe solteira, Maria do Carmo e de pai desconhecido. Em Março de 1913, é dissolvido o casamento de Judith com Jaime Levy Azancot, acusada de adultério e abandono do domicílio conjugal. No dia 22 de Abril de 1914, Judith casa novamente, desta vez com um Álvaro Virgílio de Franco Teixeira. Não há muito mais informações biográficas. Começa a sua carreira como escritora aos 42 anos, em Lisboa, onde publicou, até 1927, vários livros, predominantemente poemas, dois textos em prosa conhecidos, além de entrevistas para a Imprensa. Morre em 1959, no dia 17 de Maio, em Lisboa, esquecida, pobre, como terão dito testemunhas oculares, ela vestia-se de uma maneira excêntrica¹⁹.

Escassas são as menções de Judith Teixeira em estudos literários. É notória a sua ausência em antologias da literatura portuguesa. Aparece, ao lado de Mário de Sá-Carneiro, no livro de José Carlos Seabra Pereira, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, de 1975 [!] e, *ex negativo*, no livro fundamental sobre os modernismos portugueses, de Fernando Guimarães: *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Neste último, é citada uma crítica da *Presença* N° 1, de 1927, na qual Judith tem, outra vez, a honra de ser, pelo menos, desprezada:

«Eis como tudo se reduz a pouco: Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver da vida própria. Sendo esse artista um homem [!] superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura que ele produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço. E é apenas por isto [...] que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Botto [...] e que é mais belo um adágio popular do que uma frase de literato»²⁰.

A autora tem uma entrada bio-bibliográfica no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* como «a nossa única poetisa modernista». A única breve monografia sobre ela escreve-a, em 1974, António Manuel Couto Viana em *Coração Arquivista*. Nela comenta:

«É possível, também, que a mulher que Judith Teixeira muita vez desenha sensualissimamente seja apenas o fruto de uma atitude narcisista, porque, depois de nos cantar tantos contactos decadentes, comenta a poetisa: Amor's perversos!... / Amor's que eu nunca tive e não terei».

Concordamos com a afirmação simples no fim do ensaio:

«É irresistível: leio as poesias de Judith Teixeira e, separando muito trigo de muito joio, penso-as merecedoras de melhor sorte do que o silêncio, a ignorância, a que têm estado votadas»²¹.

Na sua Tese de Doutoramento sobre Florbela Espanca, Cláudia Pazos Alonso dedica a Judith um pequeno capítulo de cinco páginas (Alonso, 1994: 45-49). É de louvar ainda a já referida edição da obra na casa editora «& etc».

7. Conclusões

Em resumo e retomando a questão do género e da relação entre os géneros, quero, como aviso por causa da moral, deixar aos leitores deste pequeno trabalho a seguinte citação (do ano de 1933, ano triste à distância de apenas 10 de 1923) do *Arquivo Nacional*:

«A Prole de Sodoma ou as tentativas do triunfo do Terceiro Sexo, Aviso aos homens sãos [...] O símbolo dêste final de geração será uma nobre mulher chorando sobre as ruínas do amor legítimo, forte e fecundo»²².

Esperemos que este desrespeito e desprezo por afirmações e géneros diferentes (a medicina conhece um número significativamente mais elevado de diferentes afirmações sexuais) nunca mais seja possível. O lugar das relações entre os géneros é, naturalmente, um lugar de tensões. Aguentemo-las.

Gostaria de finalizar com a primeira estrofe de mais um poema:

Ouve, meu anjo:
Se eu beijasse a tua pele?
Se eu beijasse a tua boca
Onde a saliva é um mel?...

Começa assim a «canção» nº IX, de António Botto que nos leva a pensar um pouco sobre a questão se não discutimos, nestes dias finisseculares, mais uma vez, o sexo dos anjos....

¹ *Apud* Esteves, 1998: 210.

² Afirmação feita por Graça Abranches durante uma entrevista com a autora deste artigo, em 1998.

³ Mary Nash, numa 1999. *Vd.* acerca desta pol

⁴ Investigação realizada, assim como as indicações do *Dicionário da Imprensa*

⁵ Estas questões surgem espontaneamente. Gostaria de falar de Literatura. Não convidei a autora em relação à autoria dos poemas (lidos em voz alta e projectados em voz masculina para b). No caso de uma afirmação espontaneamente, num artigo de reflexão, no adjectivo «do trabalho» salientou a autora. É possível pressupor que o trabalho público não chegou a uma conclusão, mas foi notada que

⁶ As transcrições são ortográficas.

⁷ Da canção nº II, na

⁸ Possuímos provas, no entanto, os processos dos investigadores.

⁹ F. Pessoa, 1986: 41

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *As Canções de Ant*

¹² *Imprensa Nova*, 5

¹³ *Ibidem*, 6.3.1923.

¹⁴ *Ordem Nova*, nº 5

¹⁵ *Fantoches*, nº 8, 2

¹⁶ *Idem*, nº 11, 17.3.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Sídónio Pais resta Civil de Lisboa é Viriato

¹⁹ *Vd.* acerca destas

Poemas, da casa editora

²⁰ Guimarães, 1982:

²¹ Pereira, 1974: 20

²² *Arquivo Nacional*

³ Mary Nash, numa discussão durante o Curso de Arrábida *Ecrire L'Histoire des Femmes*, 1999. *Vd.* acerca desta polémica Bourdieu, 1999.

⁴ Investigação realizada no âmbito da minha Tese de Mestrado em História. Agradeço esta pista, assim como as indicações de fontes em revistas da época em causa, ao Dr. Daniel Pires, autor do *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*.

⁵ Estas questões foram colocadas ao público presente no congresso que reagiu espontaneamente. Gostaria de salientar que não está em causa o quadro referencial da Teoria da Literatura. Não convidei o público a interpretar os poemas. Foi focada, apenas, a questão do género em relação à autoria dos poemas, ao Eu lírico, ao possível leitor e ao Tu lírico. Os poemas foram lidos em voz alta e projectados. As reacções do público afirmaram uma autoria masculina para a), masculina para b). No caso do poema c), a reacção do público foi mais cuidadosa: apostava-se, espontaneamente, num autor masculino, mas concentrava-se a atenção, após alguns momentos de reflexão, no adjectivo «louca» que propõe uma identidade feminina do Eu lírico / autor. A autora deste trabalho salientou que a «louca» não é, necessariamente, identificada com o Eu lírico / a autora. É possível pressupor uma «terceira pessoa», feminina, cujo riso é levado no olhar. O público não chegou a uma conclusão. Para o caso d) não se levantaram dúvidas de identificação da autora, mas foi notada que o sexo do Tu lírico não é identificável com rigor.

⁶ As transcrições correspondem às edições indicadas na bibliografia: não se trata de erros ortográficos.

⁷ Da canção nº 11, na 2ª edição do livro.

⁸ Possuimos provas pelo facto de que estão, em 5 de Março de 1923, apreendidos. Faltam, no entanto, os processos documentais que foram armazenados e, por enquanto, estão vedados aos investigadores.

⁹ F. Pessoa, 1986: 43s.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *As Canções de António Botto*, s.d.:10.

¹² *Imprensa Nova*, 5.3.1923.

¹³ *Ibidem*, 6.3.1923.

¹⁴ *Ordem Nova*, nº 5: 156.

¹⁵ *Fantoches*, nº 8, 24.2.1923: 11s. Em nota, na página 11, o autor revela os nomes dos presos.

¹⁶ *Idem*, nº 11, 17.3.1923: 15s.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Sidónio Pais restabelece a censura prévia. *Vd.* Franco, 1993: 41. O responsável Governador Civil de Lisboa é Viriato Sertório dos Santos Lobo.

¹⁹ *Vd.* acerca destas informações a edição mais completa e anotada da obra de Judith Teixeira: *Poemas*, da casa editora &etc, de 1996.

²⁰ Guimarães, 1982: 77.

²¹ Pereira, 1974: 208.

²² *Arquivo Nacional*, nº 95, 3.11.1933: 680s.